



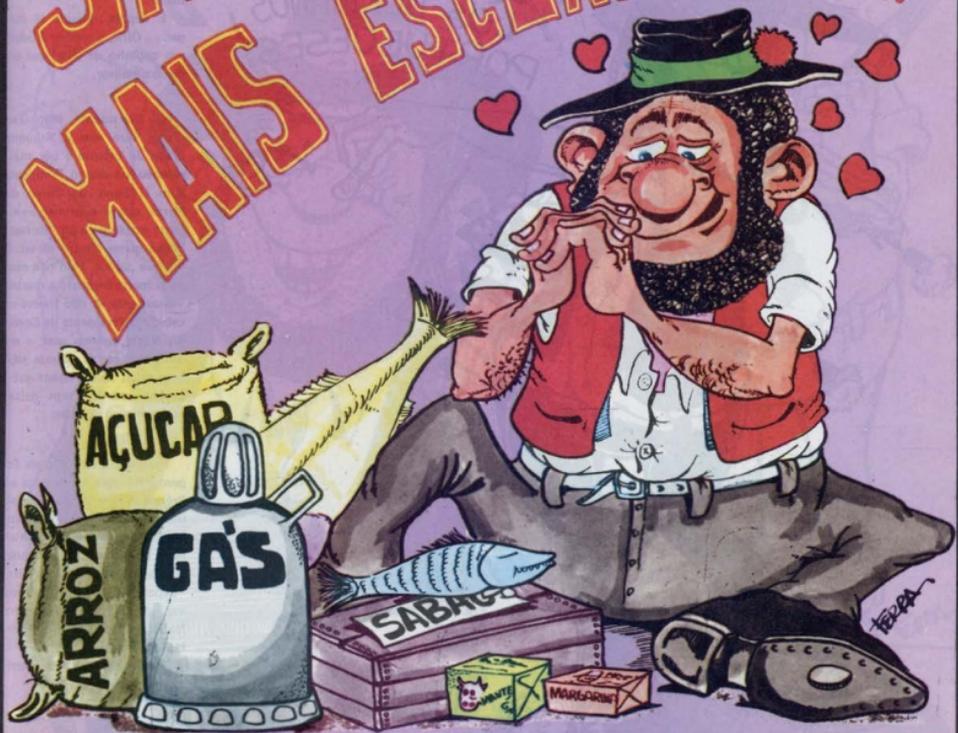
OS RIDÍCULOS

Nº 235 - 1-5-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50

**JÁ COMEÇO A SENTIR-ME
MAIS ESCLARECIDO!!!**



CONGELAMENTO DE PREÇOS

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Vocês julgavam que esta coisa de aumentar de vez em quando o preço da bica era coisa que se passava só por casa? Pois fiquem sabendo quando vocês pedem uma bica ao balcão e lhe levam o

mesmo preço da bica à mesa, a razão não está numa simples emburração do dono da tasca, nem em qualquer reivindicação do "camarero". A coisa vem de muito mais longe!

Li outro dia no jornal que

se realizou uma importante conferência em Londres sobre o preço do café. Ao que parece os países consumidores não concordaram com os preços propostos pelo Brasil e pela Colômbia, que são neste

caso uma espécie de donos do tasco do café. E que querem aumentar o preço.

Pois fiquem sabendo que foram mais que vinte e quatro países que ali se reuniram e todos deram as suas opiniões,

porque isto de uma bica aumentada de preço não se faz com duas cantigas.

Houve uma data de propostas para o estabelecimento dum novo tratado de preços e todos foram unânimes em estabelecer que esse tratado comece a ser posto em vigor lá para Outubro do ano que vem.

Por isso, amigo leitor, você tem ainda mais de um ano para ir bebendo o seu cafezinho sem preocupações de maior.

E depois, quando lá chegar... Olhe, o melhor é beber um copinho de leite, que até lhe faz melhor...

O Presidente Mao Tsé-Tung, que tem já a bonita idade de oitenta e um anos, recebeu há dias o Presidente Kim Il Sung, da Coreia do Norte, que é o primeiro visitante estrangeiro que ele recebe há quase quatro meses. E ao que parece, Mao não estava lá muito disposto a receber visitas; mas se não tivesse recebido o Presidente da Coreia do Norte parecia mal, e era uma chatiche. O velhote sabe bem quais são as coisas que é preciso manter sem deixar margem para dúvidas...

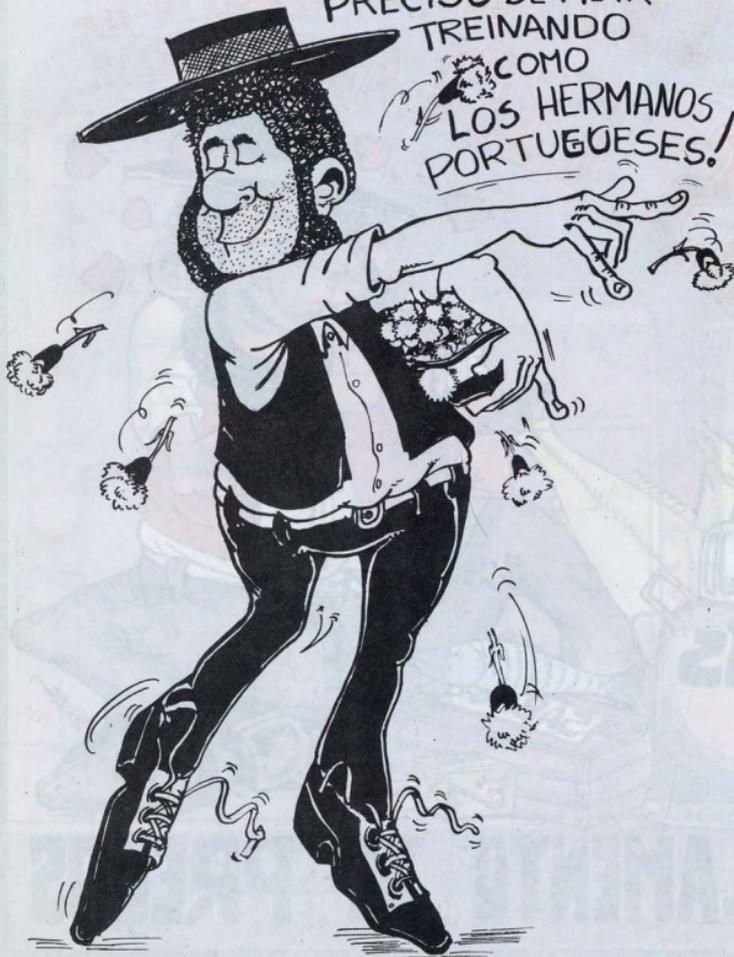
Parece que este ano em Espanha há dois candidatos ao Prémio Nobel da Paz, e mais três candidatas a outros "Nobel": de Literatura, de Cirurgia e de outra coisa qualquer.

Como sempre temos dito, "Espanha é diferente". Desta vez, virada para os prémios Nobel está pronta a apresentar logo cinco.

Vamos lá a ver se ainda aparecem mais...

A NATO vai realizar uma conferência cimeira. Esta coisa das conferências cimeiras está a ser ujma espécie de anção. E até era de estranhar que ainda não tivesse havido a da NATO. O que será que vão decidir? Deve ser giro...

PRECISO DE ME IR
TREINANDO
COMO
LOS HERMANOS
PORTUGUESES!



**VOTEI... MAS NÃO FIQUEI
DESARMADO!**



OS CONGELADOS

Hoje mais do que nunca, os nossos conselhos de economia estão a embandeirar em arco.

Vocês compreendem: Temos andado para aqui, semana após semana a dizer a quem nos quiser ler, como é que há-de ser governada a massinha do ordenado mínimo, que tem obrigação de chegar para a gente comer, vestir e calçar.

Claro que quanto a vestir e a calçar a gente não está muito preocupada, porque graças a Deus a nossa santa terrinha tem um clima bestial, e mais a mais agora vamos para o Verão, e quanto mais biquini a gente estiver, melhor. Fresquinho é que é bom.

Basta a gente ter um bibezito leve, e até sabe bem apanhar o fresquinho da tarde.

Quanto ao calçar, pois a gente tem tido tantas botas difíceis de descalçar, que o melhor é passarmos a andar descalços,

porque assim a sola do pé enrija e a gente depois já nem se rala.

Agora a questão importante tem sido a dos morfos, porque isso é que faz o relógio dar horas. E finalmente, depois da nossa luta para darmos receitas que ajudassem o equilíbrio morfo-financeiro, tivemos agora a salutar satisfação que nos satisfaz de vermos que, em virtude de estar o verão à porta, as entidades governativas tomaram a decisão de promover um salutar desenvolvimento do negócio de gelados, gelando e congelando alguns dos mais importantes produtos mórficos.

Claro que isto também deve ter sido para compensar a falta que faz a toda a gente o alimento congelado, que ultimamente tem andado tão por baixo que até apesar de estarem congelados ainda uma vez por outra começam a arder. Mas isso é outra conversa, e o que interessa é que vivamos os gelados e os congelados, porque assim ao menos a gente anda fresqui-

nha como uma alface.

O que é que vocês pensam? Que não custa a congelar as coisas? São morfos, é o que digo. A malta estava toda com receio que agora com a chegada do tempo quente, as coisas todas começassem a subir como o mercúrio nos termómetros, e até porque é sabido que o calor dilata os corpos, se bem que às vezes a gente sente uns calores e umas dilatações que são bem boas, mas isso é outra conversa, e o que eu estava a dizer é que a gente tinha receio que com as dilatações provocadas pelos calores do verão os preços das coisas se começassem também a dilatar e numa altura em que tudo se dilata, é preciso lata para levantar um boato desses. Pois o que aconteceu foi precisamente o contrário: atentas as condições prevalentes e à aproximação do anti-ciclone situado a noroeste das ilhas britânicas, com a conseqüente frente que vinha lizar a gente, as entidades responsáveis pelos sectores mórficos da malta, decidiu, como disse promover

a congelação dos mais importantes produtos. E assim agora não é só a pescadinha que está congelada; nem os chupachupas que os putos pedem às mães quando vão à loja. Agora — Ora tomem lá nota, seus artolas de meia tijela: — agora como produtos congelados temos o bacalhau, a carne de vaca (ou de boi, como se diz no Norte) e o pão, o azeite, o leite, a manteiga e a margarina.

Tudo congeladinho, que é por causa da tosse. E esta? Gostavam de que viesse aí um boatozinho daqueles que diziam que ia faltar a carne, a manteiga e o pão e o bacalhau, e tudo? Achatem, seus sacanas! Há tudo e com os preçozinhos congelados! Até a marmelada! Sim porque a marmelada também fica congelada! E agora venham-me lá com desculpas que sim mas que também, que ontem à noite não pôde ser porque a marmelada estava congelada: isso agora não pega: quem quiser marmelada, tem que a ter congelada, e

mais nada. Se não aguentar com o frio, procure outro ofício, porque isso é desculpa reaccionária.

Eu cá por mim já disse à minha Felismina, que agora quero tudo congelado. O bacalhau seja em pastelinhos seja à braz, os bifes e a carne assada, o azeite, o leite e a manteiga.

Se ela me gastar um tudo a mais, eu refio. Tudo congeladinho que é mais barato.

E vamos lá, só faço uma pequena excepção: se ela me disser que não aguenta a marmelada congelada, lá isso eu sempre lhe dou razão. Sim, vocês compreendem: mesmo no calorzinho do verão, as coisas geladinhas sabem bem. Mas amigos, amigos: deixem-se lá de coisas: a marmeladinha quentinha é que é bom. E nisso, amigos, eu cá não faço economias. Enquanto puder, gasto tudo. Quando se acabar... acabou. E a minha Felismina diz o mesmo, e ela lá sabe.





ZÉ POVO

UMA SEMANA EM
CADA LADO JÁ
ME SERVIA!!!

SE NÃO VIVESSE
EM PORTUGAL
GOSTARIA MAIS
EM MADRID OU
NO RIO DE JANEIRO?



CAPITALISTA

VIVER...
P'RA MIM JÁ É
BEM BOM!

É DIFÍCIL
A ESCOLHA
PORQUE OS
MEUS FREGUESES
ESTÃO CÁ
TODOS!!!



TOUREIRO

NÃO É QUE NO
RIO NÃO HAJA
BOIS...



INTERMEDIÁRIO

EM BERLIM
HÁ 40 ANOS
E QUE ERA BOM!



EX-LEGIONÁRIO

Crônicas medievais



EL-REI

— Minha veneranda esposa, vinde cá que vos quero falar!

D. BRIOLANJA

— Olhaide: para já não me chameides veneranda, porque isso soides vós. E como sempre vos chamaram isso, estou em crer que não deve ser coisa boa. . .

EL-REI

— Senhora minha esposa, soides uma arara. Ficaide sabendo que o povo do meu antigo reino, que me idolatrava. . .

D. BRIOLANJA

— Bem me parece, senhor meu esposo que estaiades hoje muito espirituoso. Onde haveiades ouvido essa anedota?

EL-REI

— Pois quê? Acaso duvidaiades? Depois de tantas demonstrações que me deram, do norte a sul do reino? Acaso vos haveiades esquecido daquelas recepções reais que me eram tributadas, e nas quais eu desfilava garboso no meu uniforme branco, sob uma chuva de papelinhos?

O NOVO CARGO DE EL-REI

D. BRIOLANJA

— Deixai-de-vos de fitas. Bem sabeides que de todas as vezes nos apareciam depois nas contas gerais da governação, alguns milhares de dobrões de papelinhos, e mais umas gratificações aos voluntários que iam gritar-vos vivas nessas reuniões! E não vos esqueçai-des que até uma vez na vila dos Pirriteiros houviemos que pagar o pano de quatro lençóis que os manifestantes utilizaram cortados em tiras para fazer cartazes a dar-vos as boas vindas. . .

EL-REI

— É verdade, minha boa esposa. E dessa vez sempre me convenci que tínhamos sido levados. . .

D. BRIOLANJA

— Levados, levados sim!

EL-REI

— Silêncio desgraçada! Não canteiades essa endecha que me dá azar! Bem sabeides que ainda hoje perseguem no nosso antigo reino quem esas estrofes entoa. . .

D. BRIOLANJA

— Tendes razão. Mas de que me queriedes falar, senhor meu esposo?

EL-REI

— Escudai-te então. Tendes presente as rudes mudanças que tem havido no nosso antigo reino.

D. BRIOLANJA

— Não me faleiades nisso! Quando me lembro que até lá ficou aquele lindo chapéu que eu costumava levar às recepções. . .

EL-REI

— O quê? Aquele penante que haveiades copiado dos truões da corte? Pois muito me alegre, porque sempre embirrei com ele. . .

D. BRIOLANJA

— Calai-de-vos, senhor meu esposo, que não percebeides nada disso! Ficaide sabendo que sempre fui considerada uma das mulheres mais bem vestidas da nossa corte. . .

cont. na pág. 10

ANTOLOGIA

Guerra Junqueiro

CARNAVAL DE 1878

(O poeta Fernando Caldeira ficara detido no calabouço do Governo Civil, de Lisboa, por ter atirado um cartucho de pó a um polícia, recusando-se a escovar-lhe a farda. Guerra Junqueiro, pelas 11 horas da noite, pretenceu ver o preso, mas, não lhe sendo isso permitido, conseguiu introduzir por uma frincha da porta da prisão estes versos improvisados.)

Misérrimo cativo: ia levar-te agora
Numa qorda garrafa uns dois litros d'aurora,
Uma aurora de mil oitocentos e vinte!
Não me deixou entrar o céberoi! É o requinte
Da tirania. Eu vou deitar-me desganhado,
Lacrimoso e mesquinho aos pés do Segurado (1)
Pronto para a ternura e para o crime
E pedir-lhe que tudo aquilo que é sublime,
Por tudo o que reluz na minha longa insónia,
Pelo Dr. Luis-Jardim da Babilónia,
Pelos saltos mortais do can-can da alvorada,
Por tudo quanto é grande e heroico — pela Espada
Que Freixó traz à Cinta em seu braço antigo,
Por este teu criado e este teu amigo,
Pelo Espírito Santo e mais por S. José,
Pela nova reforma dministrativa até;
Por tudo isto, enfim, Fernando, pedirei
Que me deixem ir ver entre os ferros d'el-rei
Deitada sobre a encherga a mísera cachopa
Que às quatro e meia foi filada pela tropa!

NOTA

Desculpa desta trova o reles aparelho.
É feita num minuto e escrita sobre o joelho.

Fernando Caldeira respondeu com estes versos:

Não. Deixa-me antes só. Quero expiar já agora
O meu nefando crime. Hei-de ir à Boa Hora
Como um Tropicman. Depois dez dias mais ou vinte
E que o cepo do algoz em sangue meu se pinte.
— E entretanto o remorso! Ainda salpicado
Do pó que espirrou do peito enfarinhado
Daquele homenzarrão municipal sublime
Eu guardo aqui no bolso os projecteis do crime,
Um cartucho de pó que me ensanguenta a insónia!
E uma borracha, ó Céus! Com água de Colónia!
Custou tudo um tostão na Patriarcal Queimada.
Porque não comprei eu por mais um tudo nada
Uma escova, um piçá, p'ra escovar o inimigo?
Guerra! A guerra não vás sem um piçá contigo.
Se o povo no passeio atase a um boldrié
A vassoura, o esfregão, um trapo, um cache-nez
Com que escovasse a tropa, estava salva a lei!
Se o turco escova o Czar, se acaso lord Derby
Manda escovas a Osman, talvez a sua tropa
Mudasse nos BalKans os destinos da Europa!

(1) Ao tempo Governador Civil de Lisboa.

HUMORISTAS

A NOSSA LISTA DE NACIONALIZAÇÕES



Em face da vaga de pedidos e copias de nacionalização de firmas — as mais disparatadas de uma tinturaria) — limos aborçados por alguns elementos do povo, Lisboa quê? Tonereram a um nosso repórter de serviço... numa taberna da Baixa (para saber como que vai o negócio dos copos e

as relações entre taberneiros e alcool, não banerária...), graca do mais... J) Uma lista de firmas que, no seu entender, deverão ser nacionalizadas, a bem do povo português. Tais nacionalizações não derivam da má gestão das mesmas, despedimento de empregados, falsificação de escrita (que, em muitas delas, tem os números à vista de toda a gente na pipa maior, antes de ser exarada nos livros), falsificação de bebidas (se há falsificação garantem é já da origem), não cumprimento de contratos (de trabalho ou de fiados), ou quaisquer outras manobras reacionárias. A nacionalização é proposta, assim, para salvaguardar a existência dessas verdadeiras instituições populares, também ditas "Igrejas" (com aspas), que são, efectivamente, verdadeiras "catedrais" da convivência, boa

disposição, camaradagem (da boal, não banerária...), graca do mais... J) Uma lista de firmas que, no seu entender, deverão ser nacionalizadas, a bem do povo português. Tais nacionalizações não derivam da má gestão das mesmas, despedimento de empregados, falsificação de escrita (que, em muitas delas, tem os números à vista de toda a gente na pipa maior, antes de ser exarada nos livros), falsificação de bebidas (se há falsificação garantem é já da origem), não cumprimento de contratos (de trabalho ou de fiados), ou quaisquer outras manobras reacionárias. A nacionalização é proposta, assim, para salvaguardar a existência dessas verdadeiras instituições populares, também ditas "Igrejas" (com aspas), que são, efectivamente, verdadeiras "catedrais" da convivência, boa

disposição, camaradagem (da boal, não banerária...), graca do mais... J) Uma lista de firmas que, no seu entender, deverão ser nacionalizadas, a bem do povo português. Tais nacionalizações não derivam da má gestão das mesmas, despedimento de empregados, falsificação de escrita (que, em muitas delas, tem os números à vista de toda a gente na pipa maior, antes de ser exarada nos livros), falsificação de bebidas (se há falsificação garantem é já da origem), não cumprimento de contratos (de trabalho ou de fiados), ou quaisquer outras manobras reacionárias. A nacionalização é proposta, assim, para salvaguardar a existência dessas verdadeiras instituições populares, também ditas "Igrejas" (com aspas), que são, efectivamente, verdadeiras "catedrais" da convivência, boa

qual também contribuímos com alguns nomes — que vão em desordem alfabética, para nos foi fornecida e, para a não melindrar ninguém — de firmas nossas conhecidas:



LISBOA E ARREDORES:

- "TENDINHA" — ROSSIO
- "LOMBINHOS" — RUA DOS DOURADORES
- "ZE DA DOBRADA" — RUA DOS DOURADORES
- "ZE DA VIOLA" — RUA DA MADALENA
- "ADEGA MÓ" — RUA DOS SAPATEIROS
- "GINGINHA DE S. DOMINGOS" — LARGO DE S. DOMINGOS
- "GINGINHA DAS PORTAS DE S. ANTÃO" — RUA DAS DITAS
- "GINGINHA RUBI" — AVENIDA DA LIBERDADE
- "ANIBAL DAS ESCADINHAS" — ESCADINHAS DE S. JUSTA
- "ADEGA DO ZÉ CASALES" — ESCADINHAS DE S. CRISTÓVÃO
- "SALA 11" — RUA DOS FANQUEIROS
- "ADEGA DOS PAPAGAIOS" — BECO DA BOBADALE
- "ADEGA DO JESUS" — LARGO DAS OLARIAS
- "ADEGA NEGRESCO" — CALÇADA DO MONTE
- "ADEGA DAS CINCO ESQUINAS" — MOURARIA
- "ZE DOS CARAPÁUS" — LARGO DA GRACA
- "MANUEL DAS PEVIDES" — RUA DA GRACA
- "ADEGA DO TIO ARTUR" — CAMPO DE SANTA CLARA
- "ADEGA LARANJEIRA" — LARGO DO MASTRO
- "ADEGA DAS ANDORINHAS" — CALÇADA DA AJUDA
- "QUEBRA BILHAS" — CAMPO GRANDE
- "FERRO DE ENGOMAR" — BENFICA
- "ADEGA DA BOA PINGA" — BENFICA
- "ADEGA DO ARMANDO" — BAIRRO AMERICA
- "GINGINHA DO ALQUEIRÃO" — ALQUEIRÃO
- "JOAQUIM CARVOEIRO" — ALQUEIRÃO
- "ADEGA DO FORTUNATO (O BRASILEIRO)" — MEM MARTINS
- "ADEGA DO VERDASCA" — CAMARATE
- "ADEGA ADÃO" — CAÇÉM
- "ADEGA VINGANCA" — QUELUZ
- "ADEGA ABÍLIO" — QUELUZ
- "JOAQUIM DA ROUPA" — QUELUZ
- "ADEGA DO LUISINHO" — ODIVELAS
- "A TENDINHA DE ODIVELAS" — ODIVELAS
- "PERDIZ BRANCA" — RAFA

1º) Os proprietários das firmas ficarão na gerência das mesmas e, por seu impedimento ou morte (longe vá o agouro por muitos e bons anos... vincícolas), os seus herdeiros ou outros por eles, ou estes, designados — não podendo, em qualquer caso, fechar a porta... a não ser à hora e nos dias de encerra-mento, sobre pena, então sim, de a gerência ser entregue, peão Estado a pessoa ou pessoas de comprovada idoneidade social e vinicipofónica, sendo também nomeados, democraticamente e com voto não secreto — isto é, ali à franca, com o dedo no ar — dois supervisores da gerência entre os frequentadores mais assíduos e capazes.

2º) Os proprietários — salvo caso de falência fraudulenta (no que os "cabecas" deste movimento nacionalizante não acreditam, pelo menos, quanto à seriedade dos actuals...) — terão direito a todos os lucros líquidos e salários (quem é amigo, quem é?) — como até agora.

3º) Os supervisores (eventuais) não terão direito a qualquer ordenado ou gratificação em dinheiro. Apenas de acordo com os proprietários ou gerentes, a uns copos extras — do especial, late ou qualquer outro tipo de vinho a seu gosto, não engraafado. Eventualmente, por questões de saúde (gripe, constipação etc.) esses copos extras poderão ser de aguardente — para matar o micróbio! No caso das ginginhas, ginja, eduardinho, etc. E, dados os princ-

O NOVO CARGO DE EL-REI

cont. da pág. 6

EL-REI

— Agora soídes vós que andaiades a ouvir anedotas! Mas ouviu de o que tenho para vos dizer: Sabeídes o que se tem passado no nosso antigo reino.

D. BRIOLANJA

— Bem o sei.

EL-REI

— E sabeídes também que muitas têm sido as convulsões que os nossos amigos e apaniguados têm tentado levar a cabo para me reporem de novo no trono. . .

D. BRIOLANJA

— Isso é que já não acredito. . .

EL-REI

— Pois quê? Acaso duvidaiades dos generosos movimentos de libertação cujas novas nos háo chegado?

D. BRIOLANJA

— Convulsões têm havido. Mas não creio que tenham sido para vos repôr no trono. . .

EL-REI

— Assim duvidaiades então da possibilidade do nosso regresso ao reino?

D. BRIOLANJA

— Não tenhades peneiras, meu amado esposo. E deixai-vos de ir em cantigas, se não queídes ter ainda algum desgosto. . .

EL-REI

— Bom, realmente, minha amada esposa, também tenho pensado muito nisso. E eis porque vos quero falar. Em vossa ponderada opinião achaiades que eu volte a receber aquele mensageiro que há dias me veio propôr um alto cargo neste reino em que ora vivemos?

D. BRIOLANJA

— Não vos esqueíades, senhor meu esposo, que ainda não dissteídes o que vos havia proposto esse mensageiro! Haverídes dito que se tratava de assunto muito secreto e de alta importância para o futuro, mas não desesteídes a contar-me tudo. . .

EL-REI

— Tendes razão. Assunto confidencial era. Pois sabeídes agora, que estamos sós, que altas personalidades me convidaram para o desempenho dum importante cargo neste reino, e que em princípio lhes não dei o meu acordo porque sempre tenho esperado que mais cedo ou mais tarde nos cheguem novas do nosso antigo reino, para me reporem no trono dos nossos maiores. Mas ora penso que as tenças que temos para os morfos se estão a acabar, e que talvez mais prudente seja fazer como o meu antigo secretário e aceitar aqui um alto cargo com o estipendio que nos permita viver com desafogaça. . .

D. BRIOLANJA

— E boa ideia será, senhor meu esposo. Ainda esta manhã tivemos que tomar o café com essas gorduras sebaceas no pão, a que chamam margarinas, porque se tinha acabado a manteiga. . .

EL-REI

— Bem o senti. E o café estava amargo. . .

D. BRIOLANJA

— Era de cevada com grão moído. Bem sabeídes que o café é mais caro, e já mal tenho maravedis para os cachuchos do almoço. . .

EL-REI

— Pensaiades então que devo aceitar esse cargo que me oferecem?

D. BRIOLANJA

— Bom, calculo que seja um cargo digno. . .

EL-REI

— Ah, lá isso é. Até me recomendaram que tivesse prontas as minhas antigas fardas de almirante. . .

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Acaso vos haverão convidado para ir almirantar alguma fragata da armada destes reinos?

EL-REI

— Não. De resto bem sabeídes que não posso ir para o mar, porque enjoo como uma pescada. O cargo é em terra. . .

D. BRIOLANJA

— Ah, já sei. Será nos salões restaurados da nova armada. . .

EL-REI

— É quase. É o cargo de porteiro nos salões do Restaurante A Nau Catrineta. E vós também podeídes ir lá ganhar uns dobrões, se aceitades o lugar de encarregado do bengaifeiro. . .

PAG. 10]



Deus será grande, mas, não poderá chegar a toda a parte. E, onde não chega. . . vai o diabo! Mas, o pior é não se saber quem (e o quê) representa, de facto, um e outro — dado que até há quem sirva a ambos! . . .

CÚMULO

Havia um homem tão forte, tão forte, tão forte que, os médicos, quando o auscultavam e o mandavam dizer "trinta e três", ouviam "noventa e nove"! . . .

Dizia-nos, há dias, um amigo: — "que tempo este em que vivemos que só nos apetece fechar os olhos! . . . Talvez o nosso amigo tenha razão, mas quanto a nós, há sempre que se estar é com os olhos bem abertos — permanentemente!

NO HOSPITAL

— Pois é. . . O senhor ofendeu o maxilar!
— Não, senhor doutor. Quem eu ofendi foi o tipo que me deu o socol!

A propósito de: "Quem tem capa sempre escapa" — a diferença muita vez é que, enquanto uns têm sempre quem os tape, outros só têm quem os destaque!

ARIM



O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

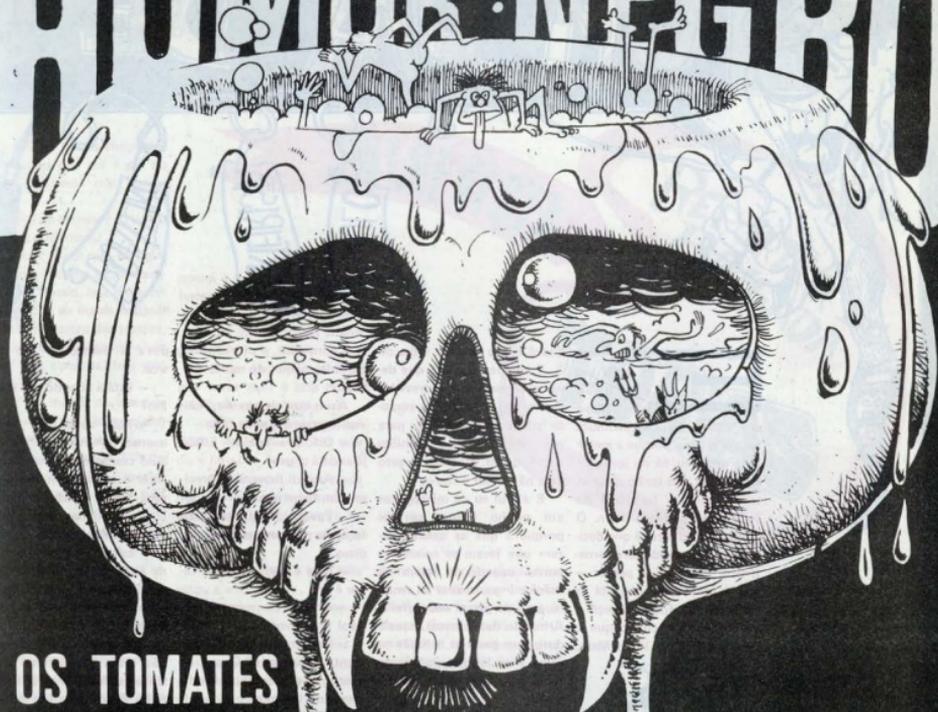
PRÓPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo nº 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRENSA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

UMOR NEGRO



OS TOMATES

Pois meus amigos, eu não acredito em boatos. E acho que toda a gente devia ser como eu. Porque se ninguém acreditasse em boatos, já não havia tanta gente a espalhar boatos, que é coisa que se espalha mais depressa do que uma camada de sar-na com licença de quem me está a ler.

É que nesta terrinha aparece sempre um gajo que vem com um boato novo, que ouviu ontem à noite quando vinha para casa, e que está com mais vontade de o contar a toda a gente do que no dia em que pela primeira vez deu um beijinho na sua Julieta e foi a correr para casa para fazer uma poesia.

Pois é. Havia o nacional cançonetismo e há também o nacional boateirismo.

Mas eu sou contra o boato e pronto. Ora como estamos numa altura de reconversão económica (porque isto de reconversão é ainda melhor do que uma boa conversão) anda para aí muita gente a dizer que os campos da nossa terra não são bons para as culturas. E eu venho aqui para lhes dizer que isso é um dos mais ignobilíssimos boatos que nos últimos

tempos tem sido posto a circular.

E como não gosto de fazer afirmações que não sejam devidamente comprovadas, devo dizer-lhes que no ano passado estive a passar uns tempos numa aldeola onde uma prima duma tia minha que foi casada com um sapateiro que era regedor, tem uma casa, e como eu estava mal de massas e dos bofes, o médico tinha-me aconselhado ares do campo. E eu decidi que havia de aproveitar a vida sã dos campos, tal como a sabem viver e aproveitar os camponeses, e até porque já tinha ouvido dizer que a vida dos camponeses é que era verdadeiramente saudável.

Assim um belo dia vi lá nos arredores da casa da tal senhora onde eu estava a morar um rico terrenozinho, todo direito, e sem altos nem baixos e decidi fazer

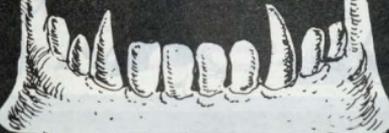
ali umas plantações experimentais de tomates, que me disseram ser coisa que se a terra fosse boa dava muito dinheiro e pouco trabalho.

E acreditem ou não, é verdade! Arranjei uma enxadinha pequenina (que eu não sou para grandes esforços, e comecei a cavar. Depois de cavar um bocadinho descobri uma coisa bestial: no sítio onde tinha cavado, estava enterrada uma caixa de madeira. O que me deu muito jeito, porque lá me doíam as costas de tanto cavar. Ainda comecei de novo a cavar mais ao lado, mas por sorte ou por azar, lá estava outra caixa enterrada. Raio de vida a minha!

Mas depois lembrei-me que não havia nada que me impedisse de meter os tomates nas caixas, onde aí ficavam as sementes mais arrumadinhas do que deixando-as ficar soltas na terra.

Para que lhes hei-de contar mais? Vocês já sabem que eu fiz o ano passado um dinheiro naquela plantação de tomates, não sabem? Pois foi assim e pouco

cont. na pág. 14



UM DIA DE TRABALHO



Eu hoje decidi fazer um furô. Claro, alguns dos nossos mais corajosos e artesianos porque a meter sigua ando eu câ no jornal, e além disso não tenho aquelas tores que os furadores da água e do petróleo usam. O que eu quero dizer é que decidi fazer um grande furô jornalístico. Comecei a pensar que é uma coisa que até às vezes me faz doer a cabeça — e cheguei à conclusão que o jornal ia sair no 1º de Maio,

que é como se sabe o dia de S. Trabalho. E achei que devia para essa data entrevistar Tobias. Claro, alguns dos nossos mais corajosos e artesianos porque a meter sigua ando eu câ no jornal, e além disso não tenho aquelas tores que os furadores da água e do petróleo usam. O que eu quero dizer é que decidi fazer um grande furô jornalístico. Comecei a pensar que é uma coisa que até às vezes me faz doer a cabeça — e cheguei à conclusão que o jornal ia sair no 1º de Maio,

Claro, voc's sabem: os negócios do Armando das Bonecas são muito importantes; ele dirige as actividades de quase uma dúzia de laboratoras donzelas, dando-lhes umas

vzes conselhos, e outras vezes porrada, o que dá muito trabalho. Assim que ele me viu, fez-me logo uma grande festa: — Olá, seu Tobias! Então já andá à chuva? — Amigo Armando, preciso de favor seu. — Favora... é pá, isso é difícil. As pequenas não gostam disso... — Não é nada disso. O favor é seu... — Chiga! De mim é que não! Então você... — Bolis, não seja mentalmente deformado. O que eu quero é o seu depoimento acerca do trabalho... — Ah, isso é outra coisa!

Pois tome lá nota. O trabalho é coisa melhor que se inventou até hoje. As pessoas que trabalham podem contribuir mais e melhor... — Ollis quem aí vem! — Quem é? Ah, já sei! É o Chico Carterista! Cuidado: Aperte bem o microgaitis, ó amigo Tobias!

— Ora vivam! Então que há de novo? — Aqui não há nada pra ti, Chico. De mim já sabes que não levas nada, que a pasta custa muito a danhar. E aqui o amigo Tobias já sabes que nunca tem cheta...

para a felicidade dos outros... — Está a falar do seu trabalho? — Pois claro! Eu tenho imenso que fazer! V-cê sabe lá as contas que eu tenho que fazer a contar com percentagens, com divisão de lucros com as minhas empregadas, com os cuidados para que elas não calam nalgum disparate de auto-gestão, ou coisa parecida? Ainda ontem foi a Micas Sardenta que me veio dizer que precisava dum instalação nova de dentes, porque tinha havido uma sarrafusa qualquer lá na oficina, e tinha ficado com um dente a abanar... São tudo prejuízos...

— Mas você lá vai andando, não é? Não há falta de trabalho? — Ah, lá isso não. O meu pessoal é altamente especializado, e você bem sabe: eu cá desde o primeiro dia que aderi àquele conselho tão salutar: Vamos todos trabalhar mais e melhor...

— Ollis quem aí vem! — Quem é? Ah, já sei! É o Chico Carterista! Cuidado: Aperte bem o microgaitis, ó amigo Tobias!

— Ora vivam! Então que há de novo? — Aqui não há nada pra ti, Chico. De mim já sabes que não levas nada, que a pasta custa muito a danhar. E aqui o amigo Tobias já sabes que nunca tem cheta...

— Pois é! É uma chatice! E hoje então que até é dia do Trabalho, ainda mal me estreei! — Mal se estreeou? O que é que isso quer dizer? — Quer dizer que só fanei um porta-moedas a um mirão na Rússia, que me jantou ser tipo de massa, e afinal só lá tinha dentro dez tostões, um bilhete de eléctrico e um botão das ceroulas. Isto está desgraçado! — É pá, mas tu costumavas ter olhinhos para saber quem é que tinha pasta... — Pois costumava! Até me chamavam o Chico Espiarto. Mas ultimamente tenho tido um azar... — Não to tens governado? — Quai! Mato-me a trabalhar, corro do Rossio para os Restauradores, vou para os bairros finos, e nada! — É pá, mas tem havido tantos ajustamentos... — Pois temi, Intigamente, num grupo de quatro ou cinco carolos, fanava sempre duas ou três carteiros, e vinham todas bem recheadas. Agora com aquela matula toda dos comícios e das manifestações, já sei: meto a mão em vinte ou trinta algeibeiras, e othem que não e tá tudo liso, mais liso que um ou de mulher!

— Chico que é azar! — Pois é! É logo hoje que é dia de trabalho, e eu até quehria trabalhar mais algumas horas extraordinárias, e nada! Assim que saio de casa, meto-me num autocarro e vi um gajo muito bem arreado, com anéis e tudo, encoste-me a ele e meti-lhe a mão assim muito devagarinho na algeibeira das calças, e sabem o que o sacana me fez? — O que foi? — Meteu a mão dele muito devagarinho por cima da

minha e começou-me a fazer festas nela! Ao que nós chegámos! Já não há honestidade! — Ora vivam! Vocês sabem a última? — Olha quem ele é! É pá que fazes aqui a esta hora? Não fostes ao trabalho? — No trabalho estou eu! Então vocês não sabem que dia é hoje? — Já sabemos! E aqui onde nos vês temos estado todos a trabalhar. O Tobias está a fazer uma reportagem sobre o trabalho... — Chica, então e eu? Não estou a trabalhar? — Mas tu não estás empregado? — Claro que estou! Mas o meu trabalho principal sempre foi o de fazer boatos. Vocês sabem: Como é que o pobre povo pode viver descançado se não tiver uns boatinhos para amenizar? Eu cá tenho um trabalho a inventar todos os dias uma meia dúzia deles, e othem que não é fácil!

— Faço ideia! — Fazes uma ideia! Arrigamente era eu quem inventava os boatos e lá os ia espalhando com muito cuidado, vocês bem sabem porque. Mas agora? Chica que é demais! Anda para aí uma concorrência desleal, com toda a malta anéis e tudo, encoste-me a eles e meti-lhe a mão assim muito devagarinho para a calças das calças, e sabem o que o sacana me fez? — O que foi? — Meteu a mão dele muito devagarinho por cima da

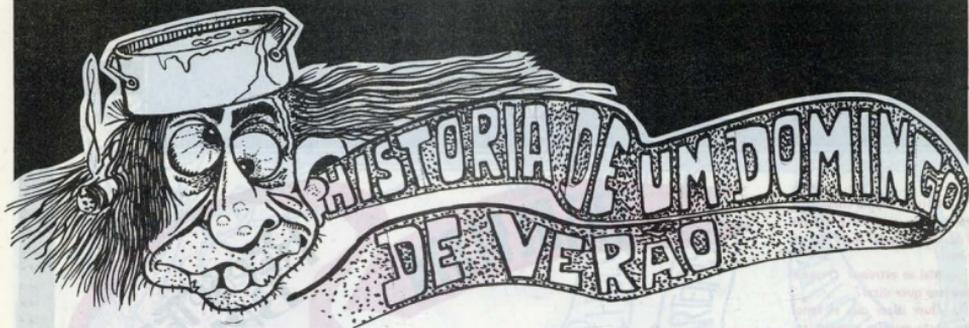
minha e começou-me a fazer festas nela! Ao que nós chegámos! Já não há honestidade! — Ora vivam! Vocês sabem a última? — Olha quem ele é! É pá que fazes aqui a esta hora? Não fostes ao trabalho? — No trabalho estou eu! Então vocês não sabem que dia é hoje? — Já sabemos! E aqui onde nos vês temos estado todos a trabalhar. O Tobias está a fazer uma reportagem sobre o trabalho... — Chica, então e eu? Não estou a trabalhar? — Mas tu não estás empregado? — Claro que estou! Mas o meu trabalho principal sempre foi o de fazer boatos. Vocês sabem: Como é que o pobre povo pode viver descançado se não tiver uns boatinhos para amenizar? Eu cá tenho um trabalho a inventar todos os dias uma meia dúzia deles, e othem que não é fácil!

— Faço ideia! — Fazes uma ideia! Arrigamente era eu quem inventava os boatos e lá os ia espalhando com muito cuidado, vocês bem sabem porque. Mas agora? Chica que é demais! Anda para aí uma concorrência desleal, com toda a malta anéis e tudo, encoste-me a eles e meti-lhe a mão assim muito devagarinho para a calças das calças, e sabem o que o sacana me fez? — O que foi? — Meteu a mão dele muito devagarinho por cima da

minha e começou-me a fazer festas nela! Ao que nós chegámos! Já não há honestidade! — Ora vivam! Vocês sabem a última? — Olha quem ele é! É pá que fazes aqui a esta hora? Não fostes ao trabalho? — No trabalho estou eu! Então vocês não sabem que dia é hoje? — Já sabemos! E aqui onde nos vês temos estado todos a trabalhar. O Tobias está a fazer uma reportagem sobre o trabalho... — Chica, então e eu? Não estou a trabalhar? — Mas tu não estás empregado? — Claro que estou! Mas o meu trabalho principal sempre foi o de fazer boatos. Vocês sabem: Como é que o pobre povo pode viver descançado se não tiver uns boatinhos para amenizar? Eu cá tenho um trabalho a inventar todos os dias uma meia dúzia deles, e othem que não é fácil!

— Faço ideia! — Fazes uma ideia! Arrigamente era eu quem inventava os boatos e lá os ia espalhando com muito cuidado, vocês bem sabem porque. Mas agora? Chica que é demais! Anda para aí uma concorrência desleal, com toda a malta anéis e tudo, encoste-me a eles e meti-lhe a mão assim muito devagarinho para a calças das calças, e sabem o que o sacana me fez? — O que foi? — Meteu a mão dele muito devagarinho por cima da





Era uma vez uma vez que não era onde um domingo mordeu o dono no braço esquerdo da ordem dos marsupiais o qual foi tratado com tintura de iodo, conhecido por bom rapaz, atirado às moças do bairro e comprador de um gira-discos de pilhas. Logo ali o charvari decidiu aparecer, dizendo que ser mordido era mais grave do que morder pelo que as culpas de tudo, tudo, tudo, mais do descarrilamento do comboio, cabiam ao dono do domingo e não ao domingo e,

em última análise à tintura de iodo, a principal responsável pela cinematografia nacional. As vírgulas que são uma espécie de gaivotas gramaticais, abespinharam-se: então, o charvari atrevia-se a falar da poluição atmosférica e do efeito sedativo da urina do gato! Que não, que não, aqui d'el-rei, já para longe e foram fazer um piquenique com os "travestis" que tinham escapado a uma ruga em Miraflores pelo que o pinhal (em que estenderam uma toalha de plástico com rosas amarelas e

puseram uma marmitta com pastéis de bacalhau), o pinhal disse que estava farto das vírgulas que faltavam à escola e seus amiguinhos, que não o deixavam descansar com as suas conversas malcriadas. Chamou imediatamente o domingo que deu várias dentadas nas vírgulas e nos "travestis" que foram à procura do dono do domingo que lhe afinaram os dentes no mesmo braço esquerdo.

— Pai! Pai! — clamavam duas crianças.

— Querem pão? — perguntou uma transeunte.

— Não! Queremos as vírgulas, perdemos as vírgulas...

Ficou-se sabendo que as duas crianças haviam saído a passear as vírgulas pela trela e que estas tinham feito as suas necessidades renais até que a tintura de iodo lhes lançara um piropo bastante pesado. Sem detença, as vírgulas — que eram muito sérias — empurraram violentamente a tintura de iodo que se entornou sobre os "travestis", transformando-os em carneiros, e sobre o domingo que, enraivecido e instigado por uma tia velha, do lado paterno, mordeu o seu dono.

Percebia-se agora com mais clareza o sucedido. As vírgulas, iluminadas, dirigiram-se à esquerda onde apresentaram queixa dos pastéis de bacalhau. O domingo abraçou-o ao dono, a chorar em convulsões de sincero e estríduo arrependimento. As crianças beijaram carinhosamente a transeunte que as ajudara.

O pinhal juntou-se a esta selecta e feliz reunião familiar

e participou o seu casamento com um lobo de Alsácia. As vírgulas deram as mãos à tintura de iodo. E tudo teria acabado em bem se não fosse o vizinho do segundo esquerdo que os engarrafou e lhes pôs etiquetas de aguardente de medronho.

— Não! Não! — arrepleavam-se os pastéis de bacalhau que nesse dia não tinham ido

às compras.

— Antes ser eunuco! — berrava a tintura de iodo.

Só escaparam os "travestis" que, sob a forma de carneiros, andavam a pastar numa mina de tungsténio.

E a Manuela Arribas de Crasto Sarmento e Castro Arribas também foi castigada por não ter querido entrar nesta história.

QUADRAS À SOLTA

VIDA CARA, VIDA CARA,
VIDA CARA — A QUEM A TEM,
LEVAM-LHE OS OLHOS DA CARA
E... MAIS DO QUE ISSO, TAMBÉM!

QUANDO, NAS ONDAS DA VIDA,
SOBEM CANSEIRAS, CUIDADOS,
À PAR DE TANTA SUBIDA...
ANDAMOS ANAUFRAGADOS!

EU NÃO SEI QUE HEI-DE FAZER,
QUANDO ME ASSUSTO E DESEJO
QUE TUDO NÃO VENHA A SER
O QUE, COM MEDO PREVEJO!

AO DEITAR CONTAS À VIDA,
ACHEIAS DE TAL MANEIRA
QUA, A IMPORTÂNCIA DEVIDA,
DÁ DEVE P'RA VIDA INTEIRA!

DENTRO DO REINO DOS REINOS DE DEUS,
ONDE TODOS SÃO IRMÃOS,
HÁ CRISTAOS QUE SÃO ATEUS
E ATEUS QUE SÃO BONS CRISTAOS!

QUANDO CERTOS TIPOS AGEM,
DE MANEIRA CAMUFLADA,
FALANDO EM CAMARADAGEM...
OU E ISSO OU CANELADA!

ARIM

OS TOMATES

cont. da pág. 11

trabalho me deu porque em todo aquele terreno fartei-me de encontrar caixotes enterrados e claro que eu entreei os tomates nos caixotes todos.

Claro que nalguns tive um bocado mais de trabalho, porque alguns dos caixotes estavam um bocado cheios e nalguns tive que procurar os buracos melhores para meter as sementes. Os caixotes mais antigos tinham mais espaço porque até nos buracos dos olhos e entre os dentes cabiam mais sementes do que nos dos mais modernos.

Mas mesmo assim não tenho razão de queixa. Só num caso é que foi chato, porque nasceu um pé de tomateiro com muita rama, e metido no pé (do tomateiro) saíu cá para fora um pé (dos que estavam dentro da caixa) e deu-me um trabalho a tirar o pé que estava no meio dos tomates.

Mas valeu a pena. E por isso eu não acredito no boato de dizerem que a terra não é produtiva.

Fiquem sabendo que é boa para os tomates.

A BORLA MORREU

Isto é que é uma gaita! Então agora não andam a estragar o desporto em Portugal? Isto tem que acabar e é



Muito embora tenhamos ainda bastantes provérbios para atualizar, vamos oferecer-vos hoje uma "dose" de NOVOS PROVERBOS que, na época presente, estão absolutamente certos.

Quem tem um mau patrão, entra em auto gestão!

Quando o armador não quer pagar, não vai o barco ao marl.

A política latifundiária, reforma agrária!

Onde a sabotagem mete a mão, ocupação!

Quem deve a credores, não gratifica administradores!

já! Que raio de atitudes reacionárias são essas que vêm agora uns pândegos quaisquer a tomar decisões tendentes a amesquinhar o desporto das massas?

Então até agora, no salutar intuito de promover a cultura do fogo e dar acesso a toda a gente — sim, senhor, a toda a gente! — a Federação dos Futebolistas dava cartões de livre trânsito, que é uma maneira fina de designar as borlas — e além desses ainda podiam entrar nos campos de futebol todas as pessoas que tivessem qualquer cartãozinho de cartolinazinha, com umas risquinhas encarnadinhas e verdinhas de preferência, ou que tivessem um emblemazinho da mocidadezinha, da legiãozinha, da pidezinha, ou de qualquer outra coizinha fofa dessas que havia antigamente, que era para toda a gente ir assistir de borla aos desafios, e agora vêm os desmanchaprizesers duns senhoros quaisquer dizer que isso não pode ser!

Mas não pode ser, porque? Que mal havia nisso? Então se à porta dum campo de futebol chegava uma senhora delegada da Obra das Mães, e mostrava o seu cartãozinho e a deixavam entrar, que mal havia nisso? Então os jogadores que ali andavam não eram verdadeiramente obra das mães? Se eles às vezes até eram obra dos filhos das mães! Claro que a senhora tinha todo o direito de entrar no campo e ver o que os seus meninos faziam ao pontapé à bola! E os meninos da mocidadezinha? Como é que eles haviam de saber o que ia ser o Portugal do futuro se não assistissem de borla aos desafios?

E os funcionários das Câmaras, e de todas as repartições etc. etc. etc.? E depois é preciso ver que os estádios são muito grandes e só são bonitos cheios de gente, que é

para entusiasmar os jogadores! Claro, claro, ainda ficam muitos lugares: pois ficam: mas esses claro, são para o Zé Pagante, que também, a troco de algumas notas, também podem eventualmente ter o direito de ver um desafiozito ou outro!

Eu sei, eu sei! Aquilo foi uma birrinha do Belenenses! E não há direito! Pois com certeza que não se lembraram da tremenda importância de deixar entrar que era adoptada nos campos de futebol! A mim até um dia me disse um porteiro que só tinha pena era de ser porteiro, porque era dum injustica lixada não o deixarem entrar no campo e

dizerem-lhe que ficasse ali à porta a ver cartões. Porque farto de ver cartões estava ele! E depois a mania dos cartões era tal que ainda por cima deram mais uns cartões aos árbitros para eles mostrarem de vez em quando aos jogadores.

O quê? Vocês julgam que aquilo era por alguma regra do jogo? Não sejam parvos! Quando um jogador não estava a jogar como devia ser, o árbitro tinha necessariamente de lhe lembrar que ele estava ali a dar um espectáculo e tinha que se portar bem. E para que ele percebesse bem o árbitro dizia-lhe assim: — olhe lá ó senhor jogador: o senhor

está a dar mais caneladas que pontapés na bola. E isso não está bem: lembre-se que ali na bancada estão muitos senhores com uns cartões assim como este, está a ver? — e mostra-lhe um cartão que representava dois mil e quinhentos cartões de livre trânsito. Isso era o cartão amarelo.

Claro que quando o árbitro era informado que nas bancadas já estavam mais de cinco mil senhores com cartões de livre trânsito, então o caso era mais complicado, e a responsabilidade era muito maior. E nessa altura o árbitro dizia: — olhe lá ó senhor jogador: o senhor não percebe ainda que estão ali na assistência mais de cinco mil pessoas que tiveram o trabalho de mostrar à entrada os seus cartões de livre trânsito? Então é assim à canelada que o senhor demonstra consideração por eles? Ora vá já lá fora pedir desculpa a esses senhores!

E o jogador lá ia. E agora como vai ser? Sem haver esses cartões todos que davam aos campos um colorido muito especial? Fu estou já a ver as bancadas desertas, e no meio do desafio fazer-se um grupo nostálgico, com os avançados a tocar guitarra e os defesas a tocar viola, e o guarda redes visitante a cantar:

TANTO LUGAR VAGO
NO ESTÁDIO DA LUZ...
E A GENTE A JOGAR
UM JOGO DE TRUZ...
DEFESAS, CHUTAI
A BOLA P'RO CÉU!
JOGADORES, PARAÍ,
QUE A BORLA MORREU!

SEJA EM ALVALADE,
SEJA NO RESTELO,
OU NA TAPADINHA
BORLISTA, NEM VÉ-LO!
CHORAI JOGADORES
AS DESILUSÕES
NOS CAMPOS DA BOLA
NÃO ENTRAM CARTÕES!



SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"